



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JOSÉ JOSELIO SILVA SOUZA

Reflexões sobre questões de gênero na literatura infantil

CAMPINA GRANDE – PB
2011

JOSÉ JOSELIO SILVA SOUZA

Reflexões sobre questões de gênero na literatura infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S726r Souza, José Joselio Silva.
Reflexões sobre questões de gênero na literatura infantil.
[manuscrito] / José Joselio Silva Souza. – 2011.

24 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Letras e Artes,
2011.

“Orientação: Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva,
Departamento de Letras.”

1. Literatura. 2. Reflexões. 3. Sexualidade. I. Título.

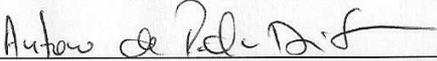
21. ed. CDD 800

JOSÉ JOSELIO SILVA SOUZA

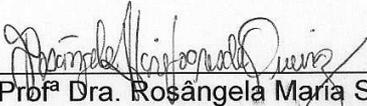
Reflexões sobre questões de gênero na literatura infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

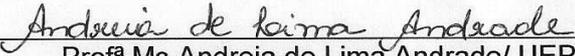
Aprovado em 29 / 11 / 2011.



Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva/UEPB
Orientador Nota 9,0



Profª Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz / UEPB
Examinadora Nota 9,0



Profª Ms Andreia de Lima Andrade/ UEPB
Examinadora Nota 9,0

Média 9,0

À minha amada mãe Célia , que tem um papel essencial na minha vida.

DEDICO.

Reflexões sobre questões de gênero na literatura infantil

SOUZA, José Joselio Silva

RESUMO

Muitas das concepções formadas acerca das relações de gênero em nossa sociedade estão imbuídas de preconceitos. Desde criança, meninos e meninas são ensinados a agir de maneira diferente. Suas atitudes, personalidades e modos de se comportar, em muitos casos, continuam a pautar-se nos padrões sócio-culturais ditados para determinado sexo biológico. É quase certo que indivíduos que não correspondem ao modelo de comportamento que a sociedade espera deles poderão sofrer de algum tipo de discriminação. Diante dessa realidade, parece imperativo demonstrar que as diferenças estabelecidas entre os gêneros fazem parte de um longo processo de construção cultural, o qual contribui para justificar a desigualdade entre homens e mulheres, colocando sempre essas últimas em posições subalternas. Este artigo tem o objetivo de discutir, através dos personagens das obras *Menino brinca com menina?* (2006) de Regina Drummond e *Menino brinca de boneca?* (2001) de Marcos Ribeiro, como as relações de gênero estão imbuídas de tabus e preconceitos na sociedade. Tendo como foco o texto literário, discute-se, então, se o modo como os personagens são representados nessas narrativas questionam ou reforçam os estereótipos sexuais semelhantemente presentes fora da ficção. Também defende-se que o trabalho com essas obras em sala de aula pode ser um subsídio para os educadores oferecerem aos estudantes a oportunidade destes ampliarem seus conceitos no que se refere às questões de gênero. Para desenvolver nossa reflexão, tivemos como base teórica-conceitual as pesquisas de estudiosos como Hall (1997), Louro (2010) e Silva (2003).

PALAVRAS-CHAVE: .Literatura infantil. Gênero. Sexualidade.

Introdução

Ao observar as relações de gênero na sociedade, parece ser natural que homens e mulheres sejam educados e disciplinados para desenvolver comportamentos estabelecidos de acordo com os padrões sócio-culturais estabelecidos para determinado sexo biológico. Percebe-se que as diferenças construídas sobre os gêneros, na verdade, foram utilizadas para justificar a desigualdade entre eles, sendo que nessa relação à mulher sempre era atribuída a posição de ser inferior, visto como o “sexo frágil” e dependente em relação ao homem.

Evidências históricas mostram que na Idade Média as mulheres viviam uma situação de extrema desigualdade em relação aos homens. Eram obrigadas a casar muito cedo, tinham que ser submissas aos maridos, geralmente escolhidos por seus pais, e ainda podiam ser devolvidas à família em algumas situações, como, por exemplo, se fosse descoberto que eram estéreis. Esse contexto demonstra que a demarcação das diferenças entre os gêneros é um fato antigo, mas que também ainda persiste nas sociedades de hoje, embora com menor rigor.

As práticas culturais permitem ver que os tempos atuais são de mudança: os modelos do ser homem e ser mulher são redimensionados, e conceitos vistos até então como naturais passam a ser discutidos e problematizados, tendo como um dos objetivos ampliar a compreensão acerca das questões referentes a gênero e sexualidade.

Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo discutir, a partir do comportamento dos personagens, como as questões de gênero ainda estão permeadas de tabus e preconceitos na cultura representada no corpus escolhido. Sob essa perspectiva, levanta-se a seguinte problemática: o modo como os personagens são representados na obra *Menino brinca com menina?* (2006), de Regina Drummond e *Menino brinca de boneca ?* (2001), de Marcos Ribeiro contribui para o questionamento dos papéis sexuais dos sujeitos ou apenas reforçam estereótipos ?

A base teórico-conceitual em que nos fundamentamos parte dos estudos culturais, refletindo, na esteira de Hall (1997), a questão da identidade cultural no contexto da pós-modernidade; das relações de gênero, sexualidade e educação discutidas por Louro (2010) e converge para o estudo das principais perspectivas do currículo, segundo Silva (2003).

As práticas educativas evidenciam que os indivíduos são educados para cumprir modelos de comportamento estabelecidos previamente por cada sociedade. Alguns fatores como classe social, etnia, gênero, profissão, entre outros, determinam como o sujeito pertencente a esses grupos deve se conduzir na vida social. Sobre essa afirmação, Facco (2009) argumenta :

É prática da sociedade a categorização dos indivíduos em compartimentos estanques. Dentro de cada categoria, há uma série de características comuns e esperadas. Em outras palavras, quando deparamos com determinado sujeito, primeiro identificamos a qual categoria ele pertence, para, então, tentarmos localizar nele os atributos compatíveis com ela. (FACCO, 2009,p.13)

Nas relações de gênero, especificamente, é possível perceber como o corpo ainda é educado para agir conforme sua natureza biológica. Assim, estabelece-se uma divisão entre o que é condizente para o homem e para a mulher fazer. A forma de falar, de andar, o tom de voz, os gostos, as roupas, os gestos, isso tudo faz parte de um processo de construção sócio-cultural.

Questionar os estereótipos sexuais construídos sobre homens e mulheres e as conseqüentes diferenças e desigualdades implicadas nas relações entre os gêneros torna-se pertinente hoje, tendo em vista a indispensável necessidade de repensar valores com o intuito de construir uma sociedade mais igualitária e democrática, mais aberta ao diálogo das diferenças, das singularidades culturais e das subjetividades.

Entende-se o campo da literatura como um espaço em que é possível discutir diversos temas e refletir acerca de conceitos que permitem ampliar a leitura e formação dos indivíduos e torná-los mais críticos para compreender e opinar sobre várias questões , incluindo as relações de gênero na agenda contemporânea.

Decidimos trabalhar essas questões a partir da literatura infantil por acreditarmos que esse viés literário possibilita que assuntos considerados tabus

sejam abordados com certa leveza, e não menos profundidade, contribuindo assim, de certo modo, na formação de sujeitos com postura mais crítica quanto a vários assuntos, especialmente sobre os que se referem às diferenças, aos papéis de sujeitos em sociedade.

Assim sendo, toda a discussão levantada nesse trabalho partiu da leitura do texto literário direcionado diretamente às crianças, isto é, a literatura infantil. Desse modo, selecionamos como corpus de análise duas obras que nos permitem fazer essa abordagem, a saber, os livros *Menino brinca com menina?*, de Regina Drummond e *Menino brinca de boneca?*, de Marcos Ribeiro.

A partir da leitura dessas obras defendemos que o trabalho com elas em sala de aula pode ser um subsídio para os educadores oferecerem aos estudantes a oportunidade destes ampliarem seus conceitos no que se refere às questões de gênero. Enxergamos, desse modo, a importância da leitura literária no contexto escolar como forma de ampliar a visão dos sujeitos quanto a seus pensamentos e opiniões. Corroborando desse mesmo raciocínio, Silva (2009) defende que :

Muitos dos conflitos de gênero e sexuais ocorridos nos interiores das escolas podem ser dirimidos ou redimensionados a partir das suas discussões em sala de aula. Não apenas em aulas “mais propícias”, mas, e principalmente, porque há um forte motivador nas aulas de línguas ou de leituras do texto literário. (SILVA, 2009,p.99)

Vislumbrar os mecanismos criados pela sociedade para a constituição dos sujeitos e desconstruir preconceitos de gênero, trazendo à tona o processo de construção dos indivíduos, principalmente a partir da educação recebida na escola, faz parte dos objetivos almejados no levantamento da problemática em questão.

Literatura, gênero e sexualidade: alguns apontamentos

Os vários estudos acerca das questões de gênero demonstram que homens e mulheres foram divididos na sociedade com base numa dicotomia em que o masculino ocupou um lugar de referência e superioridade diante do feminino. Esse cenário de oposição entre os gêneros instigou questionamentos sobre os

processos de construção das identidades dos sujeitos, especialmente no que se refere ao modo como são estabelecidas as masculinidades e feminilidades.

É evidente que o comportamento do ser humano é condicionado por diversos fatores como a educação que recebe e o contexto sócio-econômico em que estão inseridos. Nesse sentido, a escola como um aparelho ideológico do Estado também exerce o seu papel e, de certa forma, contribui para “moldar” ou construir os modelos de cidadãos exigidos pela sociedade. Entendemos que embora esse sistema não possa ser diferente, ele pode ser discutido para explicitar as muitas intenções implícitas e presentes na estrutura do currículo da escola e o direcionamento que os indivíduos recebem para “cumprir” determinados comportamentos considerados aceitáveis socialmente.

É necessário ter consciência de que o currículo escolar não é construído de maneira neutra e imparcial, mas, sua construção é pensada conforme os modelos de sujeitos que se pretende formar. Assim sendo, os conhecimentos incluídos no currículo terão, entre outras finalidades, o objetivo de formar determinados tipos de pessoas, com condutas e comportamentos ajustados de acordo com os interesses de cada sociedade, conforme pensamento de Silva (2003, p.46) : “ A seleção que constitui o currículo é o resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e grupos dominantes .

Especificamente no que diz respeito às questões de gênero , vemos que no contexto escolar crianças e jovens são ensinados a assumirem comportamentos pautados no seu sexo biológico, ou seja, meninos e meninas recebem instruções da maneira “correta” como cada um deve se pautar para exercer os papéis de homem e de mulher. Ainda na opinião de Silva (2003), a escola ensina não apenas por meio do seu currículo oficial, mas também através do seu currículo oculto, o qual é composto pelos elementos organizacionais do ambiente escolar que, implicitamente, também ensinam. Ainda conforme Silva (2003, p.79), “ aprende-se no currículo oculto , como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual, bem como a identificação com determinada raça ou etnia”. É através dessa ótica que percebemos como a constituição do que seja homem ou mulher não é resultado de um processo natural, mas, na verdade, é produto de uma construção intencional. Assim sendo, o currículo irá contribuir para formação das concepções de masculinidade e feminilidade.

Percebe-se que, na maioria dos casos, desde o momento em que os indivíduos decidem ter filhos, sejam biológicos ou adotivos, passam a construir no seu imaginário uma série de expectativas quanto a personalidade, sexualidade e preferências das crianças. Muitas vezes, a compra do berço, a composição do enxoval dos pequeninos, a decoração do quarto, tudo passa a depender do descobrimento do sexo do bebê, o que pretende determinar, numa lógica binária, a sexualidade cultural predominante. É a partir do conhecimento dessa informação que se inicia todo um processo de construção de expectativas quanto ao futuro do nenê.

Se for menino, certamente deverá gostar de jogar futebol, ser valente, forte e é permissível que seja sapeca. Caso seja menina, será mais sensível, delicada e obediente. Esses exemplos demonstram que os costumes dos indivíduos são pré-determinados para seguir uma forma padrão de comportamento considerada como “aceitável” e disseminada para todos.

Comportar-se diferentemente da forma esperada é algo que irá causar estranhamento e, em geral, chamará a atenção das pessoas, o que pode levar esses sujeitos a se tornarem alvos de algum tipo de discriminação na sociedade. Aponta-se, então, que são exigidas dos sujeitos determinadas condutas. Corroborando esse pensamento, Facco (2009) afirma:

O mais curioso é que nós fazemos essas exigências inconscientemente. Apenas percebemos que as fizemos quando o sujeito com o qual “contracenamos” não nos fornece uma resposta satisfatória para tais expectativas. Com base nessa constatação, passamos a considerar esse sujeito “diferente”, e muitas vezes a diferença faz que ele seja encarado como uma pessoa diminuída, “inferior”. (FACCO, 2009, p.14)

O advento das transformações e mudanças pelo qual passam as sociedades nos permite colocar em questão a “naturalidade” das normas atribuídas a meninos e meninas, sujeitos educados para manter os padrões e valores tidos como desejáveis pela sociedade.

A atuação dos movimentos feministas trouxe à tona a discussão acerca da condição das mulheres na sociedade. Grupos de militantes organizados passaram a questionar as desigualdades e diferenças constituídas entre homens e mulheres. A idéia da dominação masculina em relação ao feminino, pensamento característicos de uma sociedade patriarcal, passa a sofrer resistência por parte dos

membros das sociedades inconformados com o engessamento dos sujeitos na estrutura binária do falocentrismo.

É evidente que o menino não nasce gostando de futebol, nem a menina de brincar de boneca. Na verdade, as diferenças construídas entre os gêneros fazem parte de um processo de construção cultural, no qual as identidades dos sujeitos são formadas. A demarcação dos papéis de homens e mulheres está envolta por um processo de relações de poder que colaboram para legitimar essa divisão.

Os estudos culturais discutem a questão das identidades baseados na perspectiva de que o indivíduo moderno vive uma fase de fragmentação identitária, na qual modelos de estruturas são questionados e uma visão ampla do mundo social é defendida. Diante desse contexto, Hall (2006, p.8) afirma que “ as identidades modernas estão sendo descentradas , isto é, deslocadas ou fragmentadas”. O fato é que as transformações econômicas, políticas e sociais deram origem a indivíduos que não possuem apenas uma identidade, mas várias, as quais coexistem entre si. Assim sendo, o sujeito é visto como pessoa e também como integrante de uma sociedade. Ou seja, em diferentes momentos é possível assumir distintas identidades.

Na verdade, é possível que a mesma pessoa exerça o papel de professor/a , aluno/a , pai/ mãe, filho/a, patrão/patroa, empregado/a, marido/ esposa, entre várias outros. Em cada momento esse sujeito pode exercer um papel social específico e concomitantemente, cada um deles pode coexistir harmonicamente entre si. Assim, dependendo do papel que o indivíduo estiver ocupando em momentos específicos ele pode adequar seu comportamento. Daí o porquê dizermos que, de certa forma, as pessoas se moldam de acordo com a situação, o meio e o contexto em que estiverem inseridas. Seus modos de agir, de falar, de andar, de gesticular podem sofrer alteração.

Discutir a temática de gênero e sexualidade a partir de uma perspectiva teórica-crítica requer que alguns conceitos considerados indispensáveis para compreensão dessa temática sejam explicados, tendo em vista possibilitar uma maior compreensão do assunto e análise da problemática. Desse modo, para tratar acerca das questões de gênero é imprescindível, primeiramente, apresentar e distinguir entre gênero e sexo.

Sobre essa questão Bonnici (2007) emite o seguinte conceito:

Gênero é a maneira como a cultura vê a mulher (e o homem) e como esta é construída culturalmente. O estudo de gênero não analisa biologicamente a mulher. Ou seja, o fato de a mulher ter seios e útero não faz parte do objeto dos estudos de gênero. Referindo-se à mulher como naturalmente passiva, tímida, intuitiva, chorona, dependente, sem iniciativa, a reduz automaticamente a uma série de papéis. São os tradicionais papéis femininos, os quais construídos culturalmente, foram atribuídos a muitas gerações de mulheres. (BONNICI, 2007,p.126)

De acordo com essa acepção, entendemos que o conceito de “gênero” diz respeito aos aspectos socioculturais que diferenciam homens e mulheres pautados apenas na atribuição de características consideradas masculinas e femininas. Quanto a definição de sexo, Bonnici (2007, p. 241) conceitua : “Sexo é o fato anatômico revelando aspectos puramente biológicos. Distingue-se de gênero por este ser culturalmente construído”.

Depreende-se, das citações acima, que gênero e sexo são conceitos distintos. Enquanto esse último focaliza apenas o aspecto biológico dos sujeitos, o primeiro está relacionado ao processo de construção do que seja considerado masculino e feminino.

No âmbito dessa divisão, aponta-se que geralmente as características biológicas são utilizadas como argumentos para estabelecer as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Contudo, questionar certas naturalidades sempre é pertinente. Louro (2010) aponta :

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas , aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.
(LOURO,2010,p.21)

É preciso desconstruir a concepção de que homens e mulheres ocupam posições antagônicas na sociedade e de que isso decorre de um fato natural, determinado diretamente pelo sexo dos sujeitos. Questionar normas e ampliar visões torna-se uma necessidade imprescindível dos tempos atuais.

Sabe-se que a instituição escolar sempre teve o propósito de transmitir os conhecimentos selecionados pelos grupos dominantes da sociedade. Estabelece-se

como finalidade da escola formar os indivíduos de acordo com os padrões exigidos, conforme o cidadão que se pretende construir. Assim sendo, ela funciona como um órgão institucionalizado que tanto reproduz conceitos, ideologias como também desigualdades.

De acordo com Facco (2009), a escola representa um microuniverso social, onde todas as relações sociais são reproduzidas. A obediência a hierarquia, a obrigação de seguir metas, prazos, horários, tudo isso está presente nas escolas e também na sociedade, como é possível perceber no regimento de algumas empresas. Nota-se, então que é como se o estudante fosse, desde já, “treinado” para o cumprimento das regras da vida social, exigidas no mercado de trabalho.

Na abordagem de temas como as questões de gênero e sexualidade o posicionamento não é diferente. Nesse espaço voltado especificamente para formar indivíduos, crianças e jovens são direcionados para seguir determinados comportamentos. Geralmente, meninos e meninas recebem um enfoque diferenciado e são disciplinados a agir de maneiras distintas.

Um exemplo é a divisão de atividades esportivas nas aulas práticas de educação física, em que a preferência esportiva dos estudantes continua, em muitos contextos, a ser motivada ou determinada pelo sexo biológico. É quase uma obrigação dos garotos jogarem futebol e das garotas praticarem outros tipos de esporte considerados específicos apenas para meninas. Caso esses sujeitos não correspondam a essas “regras” eles poderão se tornar alvos de discriminação, através de piadas, rechaço.

Percebe-se que socialmente são estabelecidas características culturais e corporais específicas de meninos e meninas, futuros homens e mulheres. Aponta-se o papel de cada um desses sujeitos e o lugar que eles devem ocupar na sociedade, como resultado de um “determinismo biológico”. Assim, observa-se que a conduta das crianças passa a ser normalizada e vigiada para cumprir com o que se espera delas. Diante dessa declaração, depreende-se que :

Há uma “narrativa convencional” sobre a maneira como as masculinidades são construídas, e que supõe, por essa narrativa, que “toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens.” Meninos e rapazes em sua maioria aprenderiam tal conduta e assim se afastariam da conduta das mulheres. (CONEEL *apud* LOURO, 2010, p.48)

Nessa perspectiva, compreende-se que, na verdade, os comportamentos antes tidos como adequados para homens e mulheres não constitui algo inato ao indivíduo, mas é resultado de todo um processo de construção em que maneiras de agir são ensinadas e formas de se portar no meio social são determinadas com base no sexo biológico dos sujeitos.

A preocupação das instituições de ensino em ensinar um comportamento “adequado” fez com que o sistema educacional selecione seus conteúdos pautados não apenas na importância do aprendizado da matéria em questão, mas também focados no cidadão que pretendem formar. Contudo, é importante ressaltar que, embora esse tenha sido o critério de escolha dos textos a serem trabalhados na escola, hoje presenciamos uma realidade diferente.

Atualmente, encontram-se no mercado editorial várias obras que subvertem ou apontam outros modelos, trazendo para o interior da literatura novas representações. Alguns exemplos são as narrativas que abordam as novas formas de família, como é o caso daquelas compostas por pessoas do mesmo sexo, as chamadas homoparentais. Entende-se, então, que da mesma forma que o texto ficcional possibilita a consolidação de padrões, ele também pode servir como instrumento capaz de questioná-los.

Tendo em vista que nesse artigo propõe-se a questionar os estereótipos de gênero construídos sobre os sujeitos, tivemos a preocupação de selecionar obras que permitissem fazer essa abordagem. Embora, como dissemos anteriormente alguns textos de ficção se preocupem em reproduzir normas, alguns fogem a essa regra e trazem novas representações.

Discutindo as narrativas: reflexões sobre as questões de gênero na literatura infantil

A obra *Menino brinca com menina?* (2006), de Regina Drummond, é um exemplo de livro que nos permite refletir acerca dos estereótipos construídos sobre o que seja atitude de homens e mulheres em sociedades ainda falocêntricas.

Na narrativa temos a história de Carlão, “ um menino moreno e forte que só brincava de *brinquedo de menino*: bola, carrinho, trem, avião, corda, revólver,

metralhadora, cassetete, canhão”(MBCM¹, p.2, grifo nosso) Note-se que chamamos a atenção, para o fato de que o narrador define e enfatiza o que seja brincadeira de menino.

Nas brincadeiras de Carlão ele se imaginava numa guerra em que precisava vencer seus inimigos por meio da luta, de socos e chutes. Seu pai, quando chegava em casa, dava-lhe um chute de mentira e recebia de volta um golpe de verdade. Isso era comportamento natural de meninos. Seguindo o pensamento do que seja adequado para garotos, a mãe de Carlão “ não admitia duas coisas de jeito nenhum: primeiro, que Carlão chorasse; segundo, que Carlão brincasse com as meninas. (MBCM, p.2) Na verdade, sua mãe tinha receio de que por brincar com garotas, o menino se tornasse um “maricas” como é possível perceber em : “Ela não se cansava de repetir: Não botei um homem no mundo para ter um maricas em casa” (MBCM, p.2).

Observa-se na fala transcrita que há uma certa ênfase em sempre alertar o garoto para ficar distante das meninas, talvez para que ele não aprendesse “trejeitos” femininos. Esse fato explicita a preocupação de que muitos pais têm de que seus filhos “se tornem” homossexuais, pois acreditam que a convivência constante com meninas pode torná-los femininos. Daí o porquê de toda essa vigilância.

Carlão é um personagem imbuído dos estereótipos do masculino, do homem, pois além de ser forte, era corajoso , como é possível perceber no trecho a seguir : “Era forte e batia bem, o que fazia dele um grande caçador de brigas. Vivia machucado, mas estava sempre se gabando de ter arreventado o outro.” (MBCM, p.2).

Culturalmente a sociedade espera que meninos sejam corajosos, valentes, sempre são aqueles considerados os mais fortes, os que não fogem uma briga. Muitos pais até incitam seus filhos à prática da violência ao ensinar que o fato de serem homens , implica dizer que não podem levar desaforos para casa.

O garoto era proibido de brincar com meninas para não “virar maricas”. Contudo, ele mesmo nem sabia o que isso significava, pois apenas tinham lhe passado a imagem de que isso era algo errado:

² A partir deste ponto, usaremos a sigla MBCM para nos referir à obra

Muitas vezes, Carlão ficava reparando nas meninas. E nos meninos que conversavam e brincavam com elas. “Vai ver que é depois de grandes que eles ficam maricas...”, pensava ele. “O que será, mesmo, virar maricas?” Logo, porém, reagia: “ Não posso correr riscos! O que meu pai iria pensar de mim ? ”(MBCM, p.3).

Infere-se da expressão “Não posso correr riscos!” a ideia de que o menino é visto como um sujeito passível e vulnerável a se tornar “maricas”, ou seja, a convivência com outras meninas poderia influenciá-lo e isso representaria um perigo, por isso deve ser evitado.

Vendo a partir dessa perspectiva, somos levados ao raciocínio de que se a homossexualidade é algo que pode ser construído, a heterossexualidade também. O medo de perder um membro da família para o outro gênero já implica a aceitação da não-naturalidade da condição heterossexual. Assim sendo, entende-se que, da mesma forma que se constrói o homem pelas brincadeiras, a mulher e o gay também podem ser construídos.

Certo dia, todos da casa tinham viajado e o garoto estava sozinho. Ele brincou de bola, jogou vídeo game, foi polícia e bandido ao mesmo tempo, mas na verdade não estava se divertindo, pois achava chato ter que brincar sozinho. Então, ele resolve sair pelo prédio onde mora e acaba vendo as meninas brincando de boneca:

-Traga as roupas da Barbie, Marcela ! – gritou uma delas.
A outra respondeu: – Só ouvi o por favor! O que foi mesmo que você pediu? “Ai, que frescura...”, pensou Carlão. Apesar disso, não conseguia parar de olhar. (MBCM, p.5).

Na maioria das vezes, é comum as crianças ficarem olhando justamente aquilo que despertam seu interesse, sua curiosidade. Inicialmente, podemos dizer que Carlão é atraído pelo novo, àquilo que ele não conhecia, a saber, as brincadeiras “de meninas” . Quando Marcela percebe que o menino está olhando para ela , o chama para brincar e é surpreendida com a reação preconceituosa do garoto:

-Quer brincar com a gente ? – convidou.
Ele lhe deu as costas, resmungando:
-Deus me livre !
Ela foi atrás:
-Por que Deus me livre?!
-Porque eu sou um menino ! – respondeu ele.
-E daí? Insistiu ela.
-Meninos não brincam com meninas. E muito menos de boneca.

Ela riu:

- Como você é bobo ! Por que você acha que meninos não devem brincar com meninas?

- Porque viram maricas! – ele respondeu, muito sério.

Ela deu uma risada gostosa:

-Você é bobo mesmo ! Meu irmão vive brincando com a gente e tem até namorada! (MBCM, p.6).

É importante salientar que Carlão pensava dessa forma porque ele foi condicionado pelos pais a pensar assim. É claro que a criança não nasce com preconceitos, mas os adquire. Contrapondo à mentalidade do garoto temos a figura de Marcela, a qual representa alguém com uma compreensão mais ampla acerca do que meninos devem fazer. A garota traz ,então, uma visão menos preconceituosa sobre o que meninos e meninas devem praticar.

Em Louro (2010) vamos encontrar o seguinte ponto de vista:

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também através de práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO,2010,p.41)

Constata-se que os sujeitos são influenciados pelo meio social a seguir parâmetros de comportamento. Ocorre, de fato, uma espécie de imposição velada ou explícita para que todos atendam a determinados requisitos.

Novamente Marcela faz o convite para que o garoto segure a boneca, e mesmo com receio ele acaba aceitando. O narrador onisciente, conhecendo bem o personagem, afirma : “ Carlão ficou sem jeito. Nunca tinha tocado numa boneca antes” (MBCM, p.7).

Após esse fato, Carlão decide que é melhor não falar nada para os pais, pois eles poderão castigá-lo, se souberem que ele brincou com meninas. Contudo, durante o jantar, a revelação vem à tona, pois aquele acontecimento inquietava o menino e ele não conseguia mentir:

Carlão contou, porque não contar seria pior. Só que foi uma voz esquisita, baixinha e tremida que saiu no lugar da sua. Não olhou para nenhum dos dois e emendou palavras e frases, sem conseguir parar de falar:

- Eu era o motorista delas... Fui também médico, dentista, professor de caratê das bonecas... Depois, polícia, mecânico... Consertei o encanamento

do salão de beleza, fui maquinista da excursão e até pilotei a nave que levou as bonecas para uma viagem espacial.. Brinquei de outras brincadeiras também: deu tempo de brincar de rouba-bandeira, pega-pega, corre-cutia, barra- manteiga e esconde-esconde... (MBCM, p.9).

Embora no trecho transcrito acima Carlão tenha ultrapassado a barreira que o separava das meninas, averigua-se que, na verdade, ele ainda mantém uma posição de certa forma machista. Observa-se que em todas as brincadeiras ele sempre exerce papéis considerados masculinos como policial, mecânico e piloto de nave. É claro que, atualmente, há mulheres que também exercem essas profissões. Contudo, é perceptível que em nossa sociedade grande parte dos indivíduos que abraçam essas carreiras ainda é majoritariamente de sujeitos do sexo masculino.

Segundo Facco (2009), os pais do menino só passam a aceitar as brincadeiras do filho porque ele resolve enfrentá-los . A forma que Carlão adota para contar a verdade demonstra que ele estava com medo, mas também apreensivo como o temor de ser descoberto. Por isso, resolve dizer logo o que ocorreu para poder se livrar desse peso de consciência e sentimento de culpa para possivelmente alcançar sua liberdade.

Para assumir que gosta de brincar com as meninas, Carlão muda o tom de voz como se fosse uma maneira de mostrar que sua masculinidade não corria risco: “De repente, Carlão se decidiu ! Engrossando a voz, declarou : - Sabe, pai, sabe mãe, achei brincar com elas muito legal !” (MBCM, p.10). Embora o pai e a mãe do garoto ficassem com receio de que o filho se tornasse efeminado por conviver com meninas, eles vão aos poucos percebendo que estavam enganados na forma de pensar e que a sexualidade de Carlão não estava ameaçada, como é possível compreender do trecho a seguir :

No começo, o pai e a mãe ainda olhavam esquisito para ele, de longe. Mas, logo, observando que todas as crianças brincavam juntas, eles conversaram com outros pais e compreenderam que tinham uma preocupação boba, que o melhor era deixar o filho brincar com quem quisesse, do que tivesse vontade. E nem ligaram mais... (MBCM, p.13).

Após todos esses acontecimentos, muita coisa muda na vida de Carlão. Ele compreende que pode praticar atos ou deixar aflorar sentimentos que antes entendia como proibido para meninos, como o fato de chorar quanto tiver vontade, “agora, estava certo de que não deixara de ser menino coisa nenhuma ” (MBCM,

p.14). Algum tempo depois, chega um menino novato no bairro e Carlão o chama para brincar junto com ele e as meninas. O recém-chegado logo o questiona com desprezo : “ Não vá me dizer que você brinca com as meninas?! (MBCM, p.15).” Carlão imediatamente revida e diz que está brincando com meninas sim, pois não há problema algum nisso até porque também ele sempre exerce a figura masculina, geralmente, do pai das bonecas.

Nessa narrativa, observa-se que, embora Carlão tenha vencido a barreira do preconceito passando a brincar com meninas e os seus pais tenham mudado de opinião sobre o assunto, o garoto sempre exercia papéis tidos como masculinos: ou como o “pai” das bonecas ou representando homens em profissões consideradas de “machos”. Sobre os modelos que se estabelecem para os indivíduos do sexo masculino, Albuquerque Júnior (2010, p.26) argumenta que: “Os homens precisam ter modelos alternativos de subjetividade para se elaborarem, é preciso ser pensados diferentemente para serem diferentes, precisam ser educados de nova forma para adquirirem novas formas de ser”.

É importante, então, que os indivíduos sejam conscientizados para entenderem que características consideradas como constitutivas da masculinidade são apenas o resultado de um processo de construção histórico-cultural. Na verdade, os sujeitos devem compreender que o modelo de homem reproduzido pela sociedade precisa ser questionado com a finalidade de mostrar que outros modelos existem e que a concepção de masculinidade não se limita a formas de comportamentos e práticas fixas, mas que, na verdade, há novos modelos de homens, como podemos ver nos exemplos daqueles que assumem funções antes consideradas apenas femininas, como cozinhar e desempenhar certas atividades domésticas.

Em *Menino brinca de boneca*² ? (2001), de Marcos Ribeiro, também questiona-se os estereótipos sexuais construídos sobre homens e mulheres na sociedade. Diferentemente da obra anterior, nesse livro os personagens não recebem nomes. Sua estrutura apresenta-se de forma semelhante a um diálogo em que o narrador interage diretamente com o leitor no intuito de desmistificar os papéis que são considerados como masculinos e femininos. No texto também há várias

² Utilizaremos a sigla MBDB para nos referirmos à obra

ilustrações e perguntas que convidam o leitor a expressar sua opinião em espaços em branco já reservados no livro.

O autor da obra discute o fato de que os indivíduos são ensinados, desde pequenos, a seguir regras de comportamento determinadas de acordo com seu gênero. Contudo, ele chama a atenção para o processo de construção cultural envolvido nesse fator:

Algumas pessoas costumam dizer que “brinco é coisa de mulher!” Homem pode usar pulseira e cordão. Brinco, não! Onde está escrito que pulseira e cordão o homem pode usar e brinco só mulher? Vamos imaginar: Não poderia ser diferente? Por exemplo, o brinco ser só coisa de homem e cordão e pulseira, de mulher? E todo mundo ia achar natural, não é mesmo? (MBDB, p.33)

Há algum tempo um homem usando brinco pelas ruas era algo considerado ridículo, as pessoas o rotulavam de homossexual. Hoje, já se percebe um redimensionamento dessa forma de pensar.

Nessa narrativa, outras mudanças culturais são citadas como o fato de que homens não usavam cabelo grande nem bolsa a tiracolo e muitos já aderiram, desde décadas, desse estilo.

Nem sempre os sujeitos correspondem as expectativas sociais a seu respeito. Muitas meninas são mais fortes, valentes e espertas do que certos meninos. Contudo, apenas o fato de se comportarem diferentemente do esperado não pode servir como motivo para que sejam considerados “estranhos” ou questionam sua sexualidade.

É verdade que a maioria das meninas prefere brincadeiras mais calmas, com bonecas, danças e jogos. É verdade também que a maioria dos meninos prefere brincadeiras mais movimentadas, mas brutas. O que não é verdade é que todas as meninas têm que brincar só disso e que todos os meninos têm que brincar só de luta e jogo de bola. (MBDB, p.42-43)

Defendemos que não deve haver uma rígida divisão entre brincadeiras de meninos e meninas, mas uma libertação desses preconceitos, pois cada criança deve se divertir como preferir e não estar preocupada se as brincadeiras são consideradas masculinas ou femininas. Para que as desigualdades entre os gêneros sejam pelo menos amenizadas é preciso também que os pais conscientizem seus

filhos , desde crianças, a não pautarem suas opiniões fundadas em estereótipos, como o livro relata:

As meninas vão sendo ensinadas a lavar louça, forrar a cama e arrumar a casa. Menino não pode! Menino pode trocar lâmpada, pregar prego na parede, consertar as coisas e a até ajudar o pai a mexer no carro. Isso menina não pode! É pesado e ela pode se machucar.(MBDB, p.50)

O combate a essa maneira engessada de pensar é um passo importante e inicial para a construção de uma sociedade mais igualitária e comprometida com o respeito às diferenças e particularidades de cada indivíduo.

Vemos que essa obra avança ainda mais no sentido de questionar os estereótipos sexuais, pois ela explicita que homens e mulheres são diferentes. A diferença não é por causa do gênero, mas pela própria condição da espécie humana. No entanto, essa narrativa tem mais êxito em discutir a temática de gênero porque ela apresenta mais abertamente ao leitor como os papéis de gênero são construídos. Expõe didaticamente que o pensamento geral de que meninas sempre são meigas e frágeis e os meninos valentes e fortes não passa de ideias estereotipadas, construídas sobre os gêneros. Dessa forma, defendemos que essa obra contribui para, de forma mais eficaz amenizar preconceitos sobre esse assunto.

Considerações Finais

Diante do que expomos, chegamos à conclusão de que torna-se imprescindível o trabalho sobre as questões de gênero no ambiente escolar. Discutir esse assunto é uma maneira de tentar construir novas mentalidades e conscientizar os indivíduos da necessidade de desconstruir preconceitos que foram internalizados em suas mentes no convívio em sociedade. Ao defender que a escola deve trabalhar com os alunos sobre os mais variados temas, Silva (2007, p.150) afirma: “muitos assuntos que dizem respeito a determinadas condições de sujeito não são discutidas na escola, favorecendo uma educação preconceituosa, violenta e distante de uma realidade que os alunos, num futuro próximo, irão enfrentar”.

Assim sendo, sobre as questões de gênero é preciso problematizar as desigualdades que segmentam os sujeitos e dar ênfase à conscientização social e escolar de que as atividades e características consideradas de “meninos” e “meninas”, homens e mulheres não são inatas aos indivíduos, isto é, os gostos e preferências dos sujeitos não são determinados por serem do sexo masculino ou feminino. Na realidade, os papéis entre os sexos são impostos socialmente e fazem parte do processo de construção de cada cultura, o que implica dizer que não é um fato natural e, sendo assim, deve ser questionado para que supostas “verdades” sejam postas em xeque.

A escola forma cidadãos e, portanto, precisa educá-los numa perspectiva mais crítica, de repensar de valores, regras e condutas. Nesse sentido, a literatura, através de suas narrativas oferece aos educadores a possibilidade de desenvolverem com os estudantes um relevante trabalho sobre os mais variados temas da atualidade como é o caso das questões de gênero e sexualidade.

É importante que os estudantes sejam levados a desenvolver uma postura crítica sobre diversas temáticas e a de gênero, em especial, contribui para que eles possam compreender que homens e mulheres tem direitos iguais e, sendo assim, o antigo pensamento patriarcal que atribui à mulher a condição de ser inferior deve ser combatido cotidianamente, para que sejam evitadas cenas de agressões e violências que tomam por bases papéis ou posturas ainda vigentes que determinam lugares de homens e de mulheres.

RESUMEN

Muchos de los conceptos formados sobre las relaciones de género en nuestra sociedad están imbuidos de prejuicios. Desde la infancia, los niños y niñas se les enseña a actuar de manera diferente. Sus actitudes, personalidades y formas de comportamiento, en muchos casos, siguen adhiriendo a los patrones sociales y culturales dictadas por un sexo biológico determinado. Es casi seguro que las personas que no se corresponden con el modelo de comportamiento que la sociedad espera de ellos sufren de algún tipo de discriminación. Ante esta realidad, parece imprescindible para demostrar que las diferencias de género establecidas son parte de un largo proceso de construcción cultural, que ayuda a justificar la

desigualdad entre hombres y mujeres, poniendo siempre el último en una posición subordinada. Este artículo pretende analizar, a través de los personajes de las obras *niño jugar con las niñas?* (2006) Regina Drummond y *las niñas juegan con muñecas?* (2001) de Marcos Ribeiro, tales como las relaciones de género están impregnadas de tabúes y prejuicios en la sociedad. Centrándonos en el texto literario, se argumenta, entonces, es cómo los personajes están representados en estos relatos pregunta o refuerzan los estereotipos de género presentes de manera similar a la ficción. También sostiene que el trabajo con estos trabajos en el aula puede ser un beneficio para los educadores de ofrecer a los estudiantes la oportunidad de ampliar sus conceptos con respecto a las cuestiones de género. Para desarrollar nuestro pensamiento, como una base teórica y conceptual de investigación de los expertos como Hall (1997), Louro (2010) y Silva (2003).

PALABRAS-CLAVE: La literatura infantil. Género. Sexualidad.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Máquina de fazer machos : gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças*. In: MACHADO, Charliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima; NUNES, Maria Lúcia da Silva Nunes (Orgs.). **Gêneros e práticas culturais** : desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande : EDUEPB 2010, p. 21-32.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista** : conceitos e tendências. Maringá : Eduem, 2007.

DRUMMOND, Regina. **Menino brinca com menina?** São Paulo: Melhoramentos, 2006.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente**: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo, Summus, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro : DP & A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

RIBEIRO, Marcos. **Menino brinca de boneca?** 2.ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Novas abordagens para questões homoeróticas no ensino de literatura infanto-juvenil. In: GOMES, Carlos Magno. **Língua e Literatura : Propostas de ensino**. São Cristóvão : Editora UFS, 2009, p.92-103.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A temática homoerótica na literatura infanto-juvenil. In: CARDOSO, Ana Leal; GOMES, Carlos Magno. **Do imaginário às representações na literatura**. São Cristóvão : Editora UFS, 2007, p. 145-157.